

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

A CINEMATECA COM O INDIELISBOA | 50 ANOS DE FORUM BERLINALE

26 de Agosto e 3 de Setembro de 2020

ELDRIDGE CLEAVER, BLACK PANTHER / 1970

um filme de WILLIAM KLEIN

Realização, Montagem: William Klein em colaboração com: Eldridge Cleaver, Robert Scheer *Som:* Antoine Bonfanti *Música:* Elaine Brown *Responsável pela montagem:* Jacaqueline Meppiel *Documentos:* Actualidades – “People’s park”, “May Day”; Filmes documentais – Huey PAIGC: Nossa Terra, Grinberg Library Visnews, Black Panther Newspaper *Animação:* Seria *Com:* Eldridge Cleaver, Kathleen Cleaver.

Produção: O.N.C.I.C. – Office National pour le Commerce et l’Industrie Cinématographiques (Argélia, França, 1970) *Cópia:* Benston Film Collection Walker Art Center, 35 mm, preto e branco, legendada electronicamente em português, 75 minutos *Estreia:* 24 de Agosto de 1970, em Nova Iorque *Apresentado no Forum Berlinale de 1971 Inédito comercialmente em Portugal, Primeira exibição na Cinemateca.*

NOTA

A sessão de 3 de Setembro na Esplanada decorre com intervalo.

Em 1970, aos 42 anos, William Klein dera já largas ao muito talento de fotógrafo e realizador, embora os seus filmes tenham permanecido mais discretos que as fotografias. A sua formação pictórica parisiense no estúdio de Fernand Léger no pós-II Guerra, em que cumpriu serviço pelo exército americano na Alemanha e França, levou-o a iniciar-se na pintura e na fotografia captando imagens de murais de formas geométricas antes de se celebrar como fotógrafo de moda na *Vogue* e de publicar um primeiro livro de fotografia em 1956, *New York* (numa colecção francesa das Ed. du Seuil dirigida por Chris Marker), alinhado com o distinto trabalho que foi desenvolvendo como “fotógrafo de rua”, sensível ao espírito da *pop art* americana e da *Nouvelle Vague* francesa em emergência. Ao extraordinário primeiro “álbum” nova-iorquino, seguiram-se por exemplo *Rome* (1958-59), *Moscou*, *Tokyo* (1964). No cinema, estreara-se num pequeno grande filme de 1958, *BROADWAY BY LIGHT*, um estudo da luz electrizado pelos néons nocturnos de Manhattan – “Os americanos inventaram o jazz para se consolarem da morte. E para se consolarem da noite inventaram a Broadway”, dita o texto de Chris Marker. Pouco depois, no espírito do cinema directo e realizado para a emissão televisiva francesa “5 Colonnes à la une”, *LE BUSINESS ET LA MODE* (1962) propunha uma incursão nos bastidores da moda e no fascínio exercido nos americanos pela alta-costura francesa.

Ensaísticos, documentais, ficcionais, os seus cerca de 20 filmes de curta, média e longa-metragem foram reflectindo o tempo, os seus interesses e preocupações e um espírito crítico agudo. Na ficção, *QUI-ÊTES VOUS, POLLY MAGGOO?* (1966) e *MR. FREEDOM* (1968), como depois *THE MODEL COUPLE* (1977), satirizaram impiedosamente o mundo da moda, em que Klein circulava, e da mesma penada a sociedade capitalista e a política americanas de que se distanciara quando se instalou em França. *LOIN DU VIETNAM* (1967, o colectivo em segmentos co-assinado com Joris Ivens, Claude Lelouch, Agnès Varda, Jean-Luc Godard, Chris Marker e Alain Resnais) reagira aguerridamente contra a Guerra do Vietname; *MUHAMMAD ALI, THE GREATEST* (1969, o seu mais conhecido filme documental) retratara o icónico pugilista Cassius Clay, regressando à curta-metragem *CASSIUS LE GRAND* (1964); *FESTIVAL PANAFRICAN D’ALGER* (1969) registara a edição desse ano do festival cultural, abordando a exploração colonial e as lutas dos movimentos revolucionários pela independência em África. *ELDRIDGE CLEAVER, BLACK PANTHER* foi o filme seguinte, novamente um retrato, agora de um activista militante dos Black

Panthers, exilado em Argel onde então procurou refúgio da justiça americana. A capital argelina era na época um reduto para revolucionários e membros dos movimentos de libertação africana, e um território aberto a cineastas como Klein ou Sarah Maldoror (que chegaram a colaborar em FESTIVAL PANAFRICAN D'ALGER), na esteira de LA BATTAGLIA DI ARGELI de Gillo Pontecorvo (1966, também programado este mês na Cinemateca).

Em 1970, o movimento radical dos Black Panthers fazia correr tinta: fundado em 1966, na Califórnia, como um Black Panther Party for Self-Defense, o partido manter-se-ia activo até ao início dos anos 80, congregando a atenção internacional. Eldridge Cleaver, que era escritor (*Soul on Ice* foi publicado em 1968) e um membro destacado do movimento, e estava em apuros, andava a trocar as voltas ao FBI. Klein, que filmara o Festival Pan-africano a convite do governo da Argélia, aí o conhecera em 1969, sensível às lutas neo-colonialistas e à realidade convulsa do dito terceiro mundo assombrado pelo neo-colonialismo. Num texto publicado em 1988 em *William Klein Films*, e editado em português pela Porto 2001, "William Klein ou a Organização do Caos" (*Odisseia nas Imagens*), Claire Clouzot cita-o para contextualizar o despertar do trabalho de consciência política apartidária: "A política apareceu tarde na minha vida. Sobretudo com a intervenção americana no Vietname. Depois de 40 anos, o demónio do sul político atingiu-me. Afastei-me do cinema clássico para pôr a minha câmara ao serviço daqueles que não tinham palavra. Mais tarde, os filmes publicitários ajudaram-me a financiar os meus filmes militantes."

No seu retrato de Cleaver, Klein escuta-lhe o activismo revolucionário no exílio (uma das primeiras palavras que se ouvem no filme é *exílio*), filma-lhe a aura romântica que ia a par do discurso, da condição de exilado, da figura atraente e expressiva. ELDRIDGE CLEAVER, BLACK PANTHER concentra-se quase exclusivamente em Eldridge na primeira pessoa, abrindo a excepção de Kathleen Cleaver, sua mulher, que aparece com o filho bebé num segmento em que dá o seu próprio testemunho sublinhando como, na prisão, o esperaria a morte. Raras vezes se ouvem as perguntas do entrevistador a que Cleaver vai replicando, mas as suficientes para captar modulações do discurso assente na defesa da causa da população negra contra os crimes do imperialismo americano. Como conciliar marxismo e terrorismo? pergunta-se. Eldridge responde vagamente ao lado. As contradições ou hesitações discursivas incluem o retrato, de uma poderosa honestidade discursiva. A dos planos finais partilhados por Eldridge e o entrevistador, por exemplo, que afirmam a convicção da morte provável do primeiro caso ali se mantenha, e a admissão suicidária da causa, "pela liberdade". "You're either part of the problema or part of the solution."

Nem Eldridge nem Klein poriam decerto a hipótese de que, anos volvidos e uma vez regressado aos Estados Unidos, Eldridge Cleaver alinharia com o Partido Republicano. Também lhes seria difícil prever que o Ronald Reagan candidato a governador que, como Nixon e outros, é aqui convocado em belas imagens de campanha e enxotado a gritos por palavras de ordem, "Fuck Ronald Reagan!", havia de ser presidente dos EUA na década seguinte. Organizado por "capítulos" temáticos que passam em revista os tópicos em discussão, explicitando-os ou não em legendas gráficas, ELDRIDGE CLEAVER, BLACK PANTHER "agarra" o retratado, e se bem que o capte quase sempre em interiores e numa escala de planos que favorece a ampliação do rosto, começa por segui-lo nas ruas estreitas da cidade em que se move como um homem esguio e elegante. São planos que causam a sua impressão, como o da montra da loja em que Eldridge entra para comprar uma navalha de ponta-e-mola. É um belo filme.